



IX SEMINÁRIO INTERNACIONAL
OBVIE
A REDEFINIÇÃO DA
ESCOLA PORTUGUESA



E-book do

**IX Seminário Internacional de Observatórios de
Educação e Formação**

A Redefinição da Escola Portuguesa

12 de julho de 2022



IX Seminário Internacional de Observatórios de Educação e Formação A Redefinição da Escola Portuguesa

Título

IX Seminário Internacional de Observatórios de Educação e Formação: A Redefinição da Escola Portuguesa

Organização

Ariana Cosme
Daniela Ferreira
Louise Lima
Cibelle Toledo

Capa

Cibelle Toledo

Edição

Centro de Investigação e Intervenção Educativas da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (CIIE/FPCEUP)

ISBN

978-989-8471-50-5

Data

Setembro de 2023

© AUTORES/AS E CIIE

Apoios



(O CIIE recebe apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, IP, ref.^{as} UIDB/00167/2020 e UIDP/00167/2020)

Os conteúdos e perspetivas presentes nesta publicação são da responsabilidade dos autores, que autorizaram a sua publicação, e não refletem necessariamente a posição da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, do Centro de Investigação e Intervenção Educativas, das Comissões Organizadora e Científica do Congresso e da Coordenação deste *E-book*.



TUDO O CONTEÚDO DESTA PUBLICAÇÃO ESTÁ LICENCIADO COM UMA LICENÇA [CREATIVE COMMONS – ATRIBUIÇÃO NÃO COMERCIAL – COMPARTILHA IGUAL 4.0 INTERNACIONAL](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).



O QUE PENSAM OS PROFESSORES DE 1.º CEB SOBRE A APRENDIZAGEM

COOPERATIVA

Inês Ferreira* & Daniela Gonçalves**

*ESEPF-CIPAF

**ESEPF-CIPAF; CIDTFF, Portugal

inestedimferreira@gmail.com; daq@esepf.pt

Resumo

A educação contemporânea veio dar oportunidade aos alunos de vivenciar a aprendizagem, construir o seu conhecimento através da experiência e experimentação, tal como refere Neves (2015), a escola contemporânea “expande-se com o objetivo de abranger o maior número de alunos, de todas as camadas e grupos sociais” (p. 239). De acordo com Assemany & Gonçalves (2021, p. 824), “as inúmeras transformações científicas, tecnológicas e sociais que têm marcado o século XXI têm exercido uma forte pressão para a mudança dos sistemas educativos, tanto no que diz respeito às suas metodologias e seus currículos, como no que se associa (...) às dinâmicas pedagógico-didáticas”. Neste sentido, podemos afirmar que o maior desafio da educação contemporânea foi a criação escola de todos e para todos, onde cada um na sua individualidade aprende com os outros, onde o conhecimento é construído através da investigação e do trabalho colaborativo. De acordo com Roldão (2007), “trabalhar cooperativamente implica que cada indivíduo tenha um contributo a dar que tem de ter o seu processo de construção individual e singular, que requer também tempos e modos de trabalho individuais” (p.28).

Em todos os ambientes de aprendizagem os alunos podem trabalhar cooperativamente, contudo, é necessário que os conteúdos a serem abordados sejam baseados nos programas curriculares e nos manuais escolares, quando assim existem. Pedreira (2018) refere que “a implementação de atividades de aprendizagem cooperativa tem, conseqüentemente, todo um trabalho prévio à sua implementação, assim como durante a mesma e após a atividade estar concluída” (p. 42). Neste seguimento, é necessário que o/a professor/a defina os objetivos e quais as estratégias que vai utilizar (organização dos grupos/espço); é necessário que explique aos alunos a atividade e a forma como vão realizá-la, assim como, os orientem em todo o processo de trabalho; no final, é importante que avalie todo o processo de aprendizagem, no que diz respeito ao trabalho colaborativo.

Neste sentido, a nossa comunicação basear-se-á na divulgação dos resultados de um inquérito por questionário aplicado a professores de 1.º Ciclo do Ensino Básico, com o principal objetivo de perceber de que forma estes professores compreendem a importância da cooperação no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, tendo em conta as suas principais vantagens e constrangimentos. Dos resultados concluiu-se que os docentes conhecem esta metodologia e reconhecem as suas vantagens quando aplicada em salas de aula como, por exemplo, o trabalho em grupo, a partilha dos conhecimentos, entreajuda e partilha de saberes. Contudo, também é unânime quando referem as principais desvantagens como sendo um trabalho mais “barulhento”, disponibilidade dos docentes para pôr em prática esta metodologia. Todavia, é notório que a principal dificuldade e a justificação para a não implementação desta metodologia é a gestão de tempo.

Palavras-chave: escola contemporânea; aprendizagem cooperativa; trabalho cooperativo.



Contextualização

Um profissional de educação, mais concretamente, um professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico, de acordo com o Decreto-Lei n.º 241/2001, desempenha uma responsabilidade específica, no sentido em que “desenvolve o respetivo currículo, no contexto de uma escola inclusiva, mobilizando e integrando os conhecimentos científicos das áreas que o fundamentam e as competências necessárias à promoção da aprendizagem dos alunos”. Logo, é da total responsabilidade do professor planificar, de modo que encontre estratégias para que todos e cada um dos alunos tenham sucesso; organizar e orientar o seu método aos alunos, tendo sempre a capacidade de inovação e tornando-os mais autónomos; e, por último, avaliar os conteúdos já lecionados para que possa dar um feedback aos alunos, tendo em visto o progresso e sucesso dos mesmos.

Na verdade, ensinar não é “dar matéria”, “cumprir o programa”, “sumariar os conteúdos previstos e planificar”. Efetivamente, segundo Roldão (2010) “ensinar é (...) acionar e organizar um conjunto variado de dispositivos que provoquem ativamente a aprendizagem do outro” (p. 11). Assim, ao longo de toda a prática de estágio supervisionada em 1.º Ciclo este conceito foi sempre uma preocupação constante, no sentido em que foi necessário observar e analisar as práticas e ações da docente, tanto na sua dimensão profissional, social e ética, na dimensão do desenvolvimento do ensino e aprendizagem, como na sua dimensão da participação na escola e na relação com a comunidade.

Tal como referido anteriormente, o trabalho de um profissional docente não passa apenas por preparar as aulas em prol do programa e dos critérios estabelecidos a cumprir. Esta é, de facto, uma profissão que exige muita dedicação no seu dia-a-dia, requer espírito de observação e análise relativamente à turma que tem ao seu encargo, no sentido de adequar e individualizar os seus métodos de ensino para o aproveitamento de cada aluno. O papel do professor começa por facultar a informação aos seus alunos, para que estes tenham as ferramentas necessárias para construir o seu próprio conhecimento, de forma a tornarem-se cidadãos ativos, ambiciosos, disciplinados e competentes.

O grande objetivo do professor é desenvolver competências, incorporando o seu conhecimento científico das diversas áreas do saber, de maneira a beneficiar o desenvolvimento da aprendizagem dos seus alunos e de competências sociais, com o objetivo de criar alicerces para ser um cidadão ativo e responsável. Esta “forma” de educar implica aprendizagem cooperativa.

Na mesma linha de pensamento, consideramos que os profissionais de educação devem ser formados para pensar, refletir, avaliar, procurar e proporcionar oportunidades de desenvolvimento de realização individual, que desafiem e apoiem cada aluno.

Neste sentido, foi desenhado um instrumento de recolha de dados que permitiu colher o modo como os professores em sino do 1.º Ciclo do Ensino Básico entendem e se apropriam da aprendizagem cooperativa.

Apresentação dos resultados da aplicação do inquérito por questionário

Apresentar-se-á os dados de investigação relativos ao inquérito por questionário aplicado aos professores de 1.º Ciclo do Ensino Básico, com a finalidade de perceber de que forma estes professores compreendem a importância da cooperação no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, tendo em conta as suas principais vantagens e constrangimentos. O inquérito foi construído na plataforma Google Forms e, primeiramente, foi testado por docentes do 1.º Ciclo do Ensino Básico de forma a perceber se o mesmo estava operacional para ser divulgado. Posteriormente ao pré-teste, foi partilhado um link de



acesso nas redes sociais e em grupos de professores. Foram obtidas 205 respostas, no período de um mês, durante o ano letivo 2021/2022.

Num primeiro momento os entrevistados indicaram a sua idade, o género e o ano de escolaridade que se encontravam a lecionar.

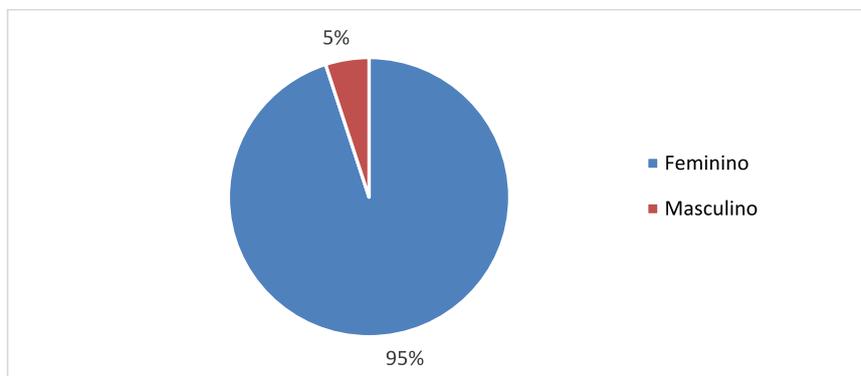


Gráfico 1. Género.

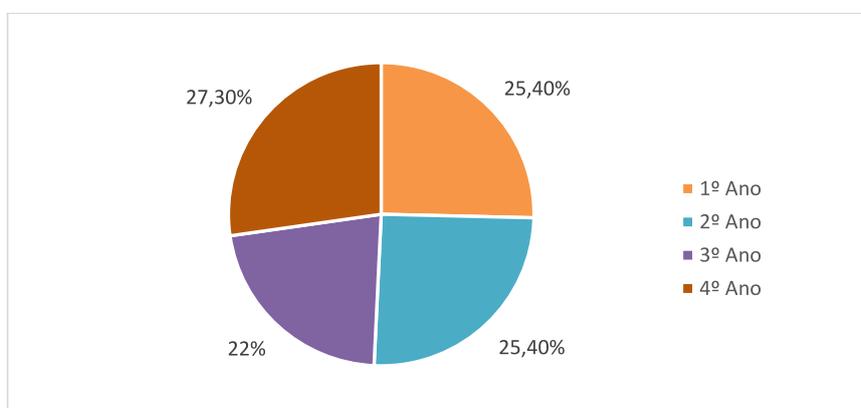


Gráfico 2. Ano de escolaridade que leciona.

Em relação aos 205 inquiridos, 95% (195 respostas) eram do sexo feminino e 5% (10 respostas) eram do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 24 e os 64 anos. Mais de metade dos inquiridos (77%) têm idade superior a 40 anos e 23% têm idade inferior a 40 anos.

No que diz respeito ao ano de escolaridade lecionado pelos inquiridos, 25,4% (52 respostas) lecionam, atualmente, o 1.º ano ou o 2.º ano de escolaridade; 22% (45 respostas) estão a lecionar o 3.º ano de escolaridade; e 27,3% (56 respostas) lecionam o 4.º ano de escolaridade.

Num segundo momento, os inquiridos tinham de assinalar qual a sua posição (de acordo com uma escala pré-definida – tipo Likert (Discordo Fortemente, Discordo, Concordo, Concordo Fortemente, Não sei/ sem opinião), relativamente ao tema da aprendizagem cooperativa.

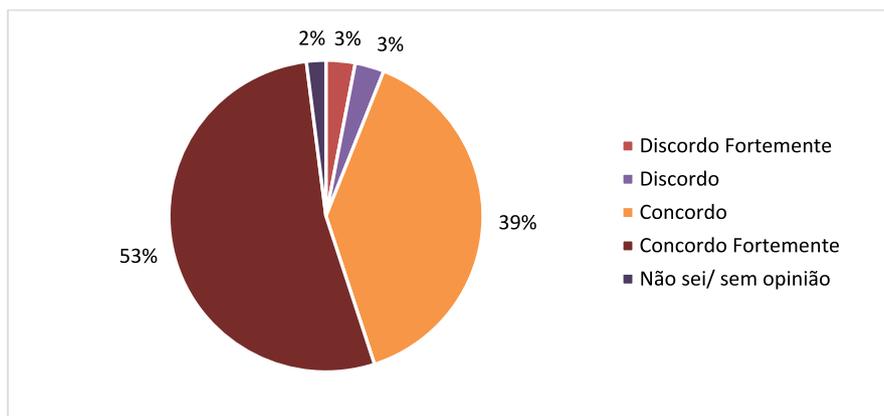


Gráfico 3. Conceito de aprendizagem cooperativa.

Relativamente ao conceito de aprendizagem cooperativa, a maioria dos inquiridos (92% - correspondente a 188 respostas) concorda com a afirmação, sendo que 6% (12 respostas) dos inquiridos discorda e 2% (5 respostas) não sabe ou não tem opinião.

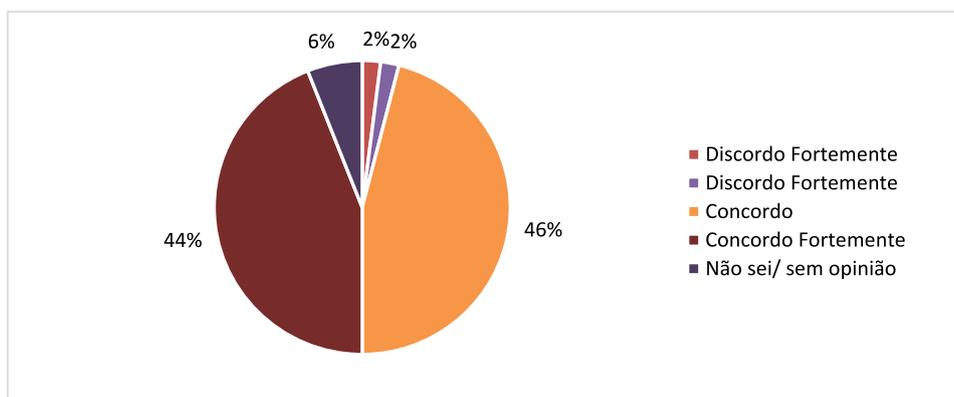


Gráfico 4. Diferentes abordagens da aprendizagem cooperativa.

Quanto às diferentes abordagens da aprendizagem cooperativa, 90% (correspondente a 186 respostas) dos inquiridos concorda com a afirmação, 4% (6 respostas) discorda e 6% (13 respostas) respondeu que não sabia ou não tinha opinião.

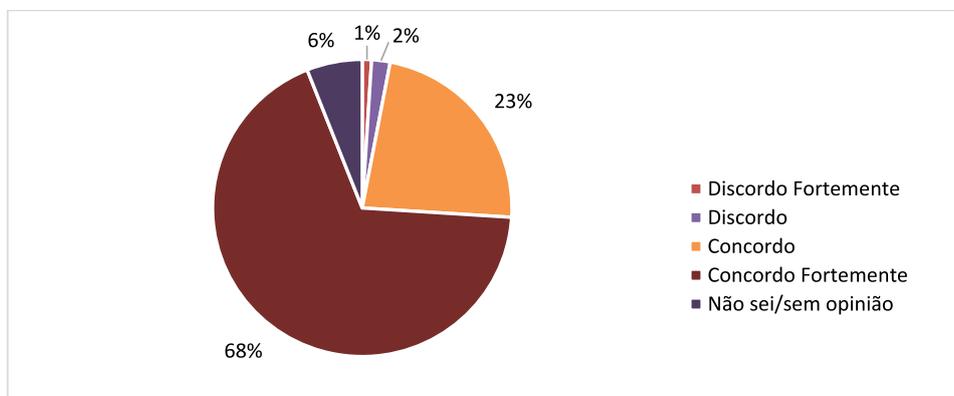


Gráfico 5. Aprendizagem cooperativa enquanto atividade benéfica.



No que diz respeito à utilização da aprendizagem cooperativa enquanto atividade benéfica para a aprendizagem dos alunos, 91% (186 respostas) dos inquiridos concorda com a afirmação, 3% (7 respostas) discorda e 6% (12 respostas) não sabe ou não tem opinião.

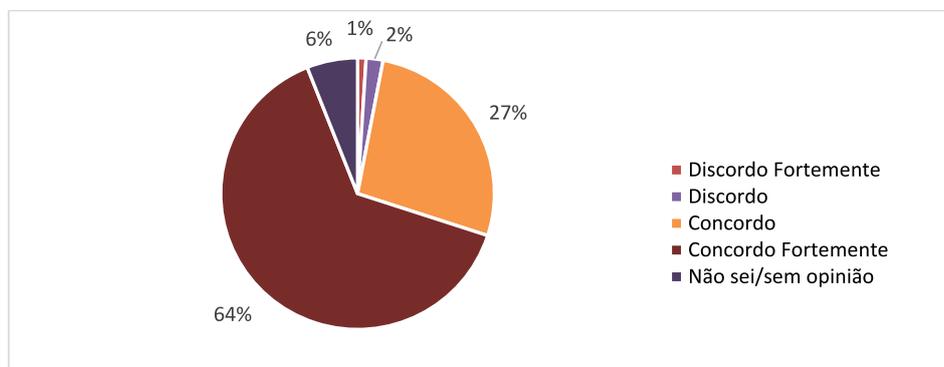


Gráfico 6. Vantagens da aprendizagem cooperativa na formação inicial e contínua dos professores.

Relativamente às vantagens da aprendizagem cooperativa na formação inicial e contínua dos professores, a maioria dos inquiridos (91% - 186 respostas) concorda com a afirmação, 3% (7 respostas) discorda e 6% (12 respostas) não sabe ou não tem opinião.

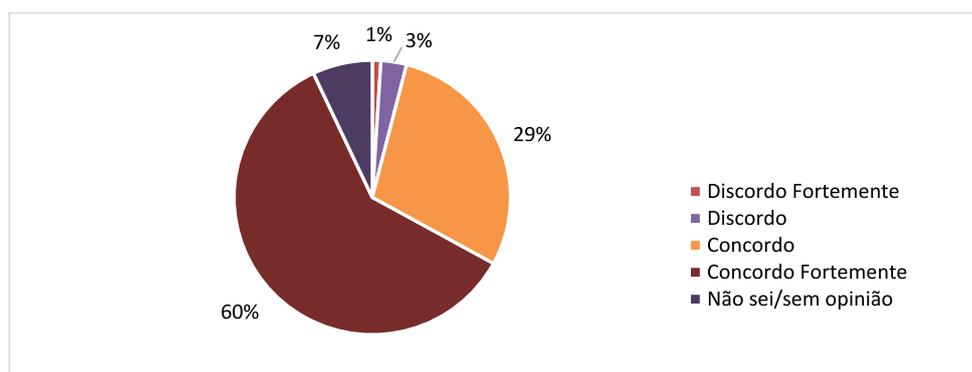


Gráfico 7. Trabalho prévio na aprendizagem cooperativa.

No que concerne ao trabalho prévio realizado pelo professor antes da aplicação da aprendizagem cooperativa, 89% (182 respostas) dos inquiridos concorda com a afirmação, 4% (9 respostas) discorda da afirmação e 7% (14 respostas) respondeu que não sabia ou não tinha opinião.

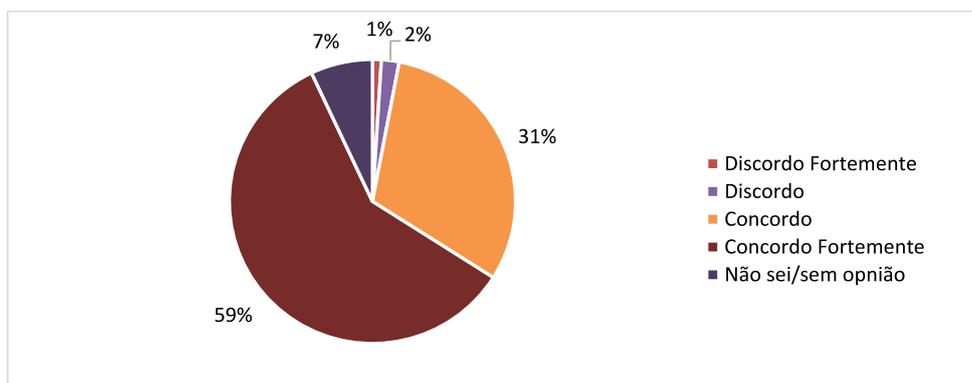


Gráfico 8. Papel determinante do professor na aprendizagem cooperativa.



Relativamente ao papel determinante do professor na aplicação da aprendizagem cooperativa, 90% (185 respostas) dos inquiridos concorda com a afirmação, 3% (5 respostas) discorda e 7% (15 respostas) não sabe ou não tem opinião acerca da afirmação.

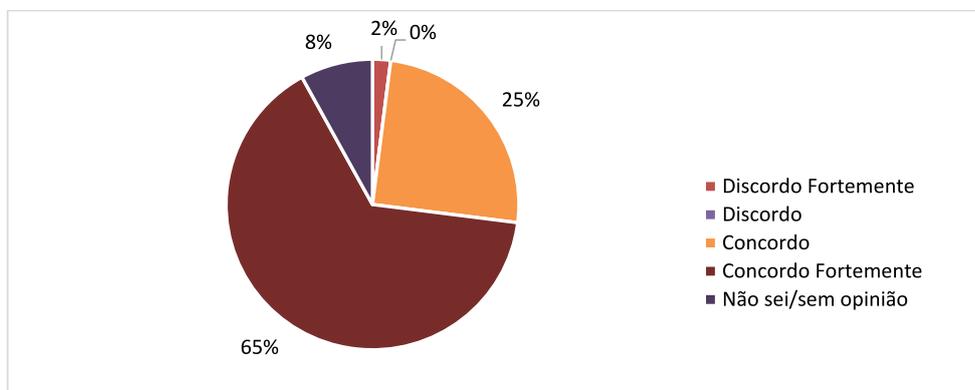


Gráfico 9. Aprendizagem cooperativa promove o trabalho de grupo.

Quanto à aprendizagem cooperativa promover o trabalho de grupo, a maioria dos inquiridos concorda com a afirmação (90% - 186 respostas), uma minoria discorda (2% - 3 respostas) e 8% (16 respostas) não sabe ou não tem opinião.

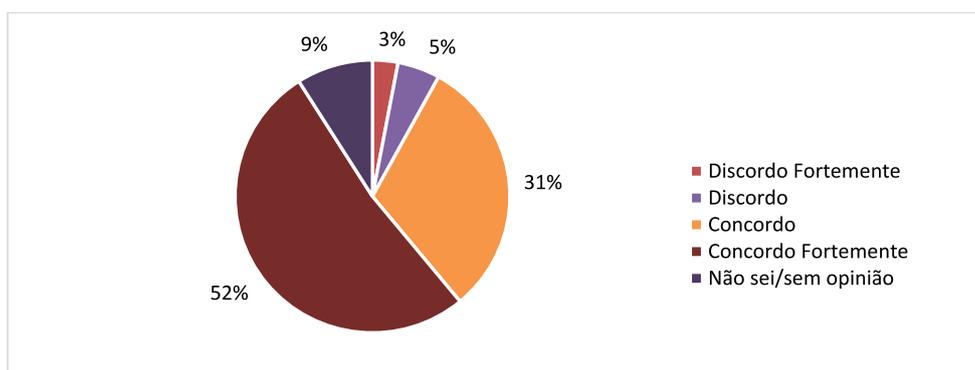


Gráfico 10. Organização de grupos heterogéneos na aprendizagem cooperativa.

No que diz respeito à organização de grupos heterogéneos quando a aprendizagem cooperativa é colocada em prática, 83% (171 respostas) dos inquiridos concorda com a afirmação, 8% (16 respostas) discorda e 9% (18 respostas) não sabe ou não tem opinião acerca da afirmação.

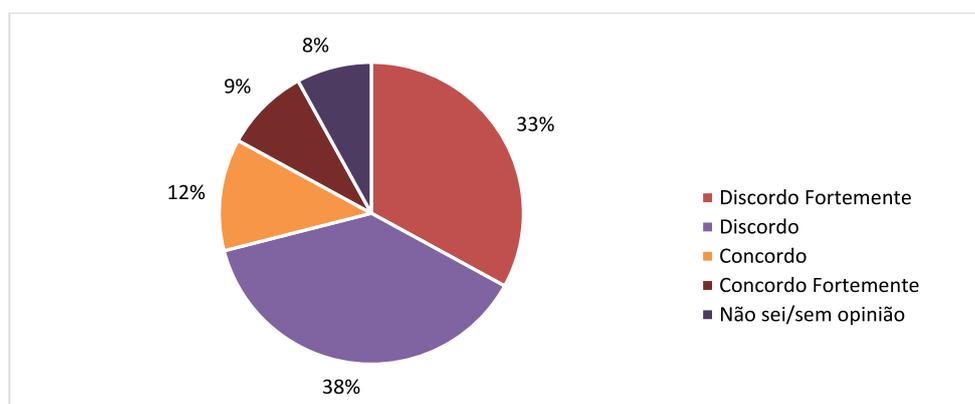


Gráfico 11. Organização de grupos homogéneos na aprendizagem cooperativa.



Quanto à organização de grupos homogêneos quando a aprendizagem cooperativa é colocada em prática, a maioria dos inquiridos (71% - 145 respostas) discorda da afirmação, 21% (44 respostas) concorda com a afirmação, e 8% (16 respostas) não sabe ou não tem opinião quanto a esta questão.

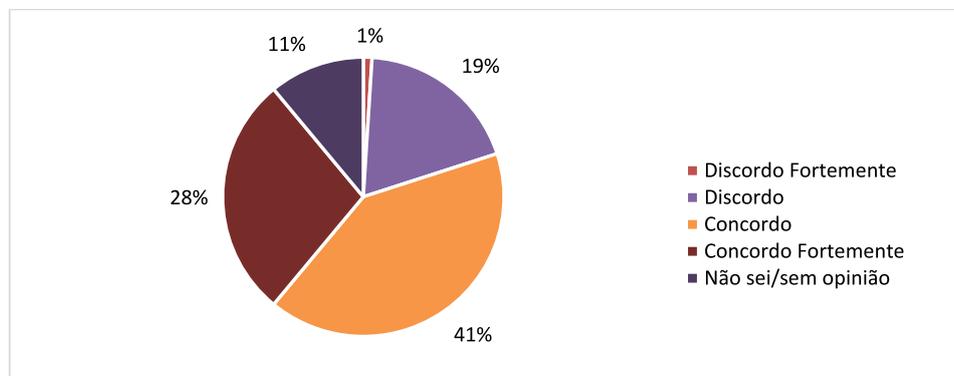


Gráfico 12. Gestão de tempo na implementação da aprendizagem cooperativa.

Relativamente à gestão do tempo, 69% (142 respostas) dos inquiridos concorda com a afirmação, 20% (41 respostas) discorda e 11% (22 respostas) não sabe ou não tem opinião quanto a esta afirmação.

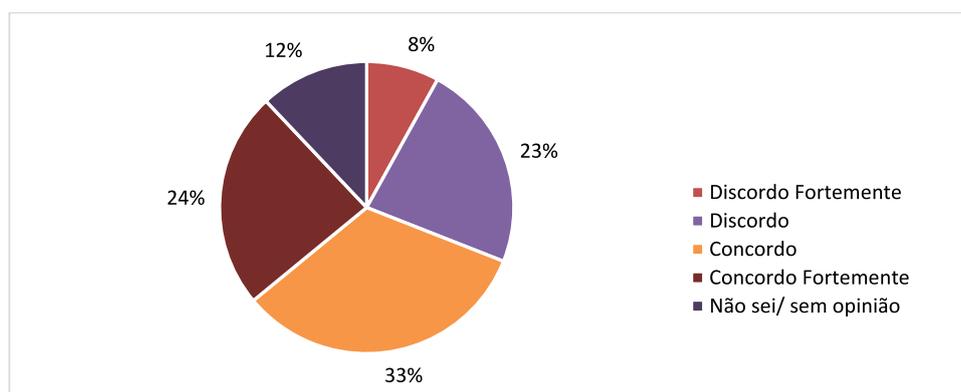


Gráfico 13. Dificuldade da aprendizagem cooperativa: gestão de tempo.

No que diz respeito à gestão de tempo ser a principal dificuldade quando se põe em prática a aprendizagem cooperativa, mais de metade dos inquiridos (57% - 117 respostas) concorda com a afirmação, 31% (64 respostas) discorda da afirmação e 12% (24 respostas) não sabe ou não tem opinião.

Integrou ainda o inquérito por questionário, um espaço onde os professores poderiam registar livremente um exemplo de implementação da aprendizagem cooperativa. Da análise das respostas, salienta-se as seguintes opções: “trabalho de grupo”; “trabalho de pares”; “trabalho por projeto”; “resolução de problemas”; “trabalho de tutoria de pares”; “trabalho de pesquisa”, considerando que este tipo de iniciativa aporta diversas vantagens (“entregada entre alunos”; “partilha de conhecimentos”; “ambiente de estudo mais positivo”; “melhoria das competências no pensamento crítico”; partilha de saberes”; “promoção da responsabilidade individual e de grupo”; “troca de experiência/ troca de conhecimentos”; “ensino mais dinâmico e apelativo para os alunos, aprendizagem centrada no aluno”, “autonomia”).



Não obstante, os docentes apontam desvantagens - “gestão de tempo e planeamento”; “dependência das decisões de um elemento do grupo”; “participação quase nula de alguns elementos do grupo”; “desmotivação para alguns alunos”; “se for bem implementada, não há desvantagem”; “disponibilidade dos docentes para a implementação, tempo curricular para cada área do saber”; “trabalho mais barulhento, mais dispersão por parte dos alunos em trabalho indireto com a titular de turma”- que revelam as dificuldades dos docentes em organizar este tipo de abordagem mais centrado na atividades dos alunos.

Em síntese, com as respostas obtidas através do inquérito por questionário, chegou-se à conclusão que na sua maioria, os inquiridos conhecem esta metodologia e reconhecem as suas vantagens quando aplicada. Identificam que é necessário existir um trabalho prévio do professor para que esta metodologia seja implementada, tal como já foi referido pelos autores Pedreira (2018), “a implementação de atividades de aprendizagem cooperativa tem, conseqüentemente, todo um trabalho prévio à sua implementação, assim como durante a mesma e após a atividade estar concluída” (p. 69). Reconhecem as principais vantagens da integração desta metodologia em salas de aula como, por exemplo, o trabalho em grupo ou pares, a partilha dos conhecimentos, entreajuda e partilha de saberes. Ao reconhecerem estas vantagens, os docentes vão ao encontro do autor Arends (2008) quando refere que a aprendizagem cooperativa propicia o desenvolvimento da aprendizagem escolar. Contudo, também é unânime quando referem as principais desvantagens como sendo um trabalho mais barulhento, disponibilidade dos docentes para pôr em prática esta metodologia. Por fim, é notório que a principal dificuldade e a justificação para a não implementação desta metodologia é a gestão de tempo.

Considera-se relevante acrescentar que muitos dos inquiridos responderam às questões como “não sei/sem opinião”, o que mostra a dificuldade dos docentes em tomarem posição face às afirmações que constam no instrumento de recolha de dados.

Notas Finais

Dos resultados concluiu-se que os docentes conhecem esta metodologia e reconhecem as suas vantagens quando aplicada em salas de aula como, por exemplo, o trabalho em grupo, a partilha dos conhecimentos, entreajuda e partilha de saberes. Contudo, também é unânime quando referem as principais desvantagens como sendo um trabalho mais “barulhento”, disponibilidade dos docentes para pôr em prática esta metodologia. Todavia, é notório que a principal dificuldade e a justificação para a não implementação desta metodologia é a gestão de tempo.

Referências

- Arends, R. (2008). *Aprender a ensinar*. McGraw-Hill.
- Assemany, D., & Gonçalves, D. (2021). Pedagogia de aprendizagem ativa: Referenciais resultantes da formação de professores. In F. J. Garrigós-Simón, S. Estellés Miguel, J. O. Montesa Andrés, & Y. Narangajavana (Eds.), *International Conference on Innovation, Documentation and Education (INNODOCT)* (pp. 823-830). Universitat Politècnica de València. https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/25032/1/Martins%26outros_egid_innodoct21.pdf
- Neves, I. (2015). Um olhar sobre a escola e a ação docente na sociedade contemporânea: Dilemas e desafios. *Revista Tendências Pedagógicas*, 26, 237-252. <http://dx.doi.org/10.15366/tp2015.26>



Pedreira, M. (2018). *A aprendizagem cooperativa como estratégia para a educação pré-escolar* [Tese de mestrado, Instituto Politécnico de Santarém]. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Santarém. <https://repositorio.ipsantarem.pt/handle/10400.15/2146>

Roldão, M. (2007). Colaborar é preciso: Questões de qualidade e eficácia no trabalho dos professores. *Revista Noesis*, 71,24-29. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/CDIE/RNoesis/noesis_miolo71.pdf